



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

**EROS E PSIQUÊ:  
QUANDO A ALMA É TOCADA PELO AMOR**

Fabiano Silva da Fonseca

Brasília,  
Dezembro / 2008.

FABIANO SILVA DA FONSECA

**EROS E PSIQÜÊ:  
QUANDO A ALMA É TOCADA PELO AMOR**

Monografia apresentada ao UniCEUB – Centro Universitário de Brasília como requisito básico para obtenção do título de psicólogo da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, sob orientação da professora MSc. Cláudia Mendes Feres.

Brasília,  
Dezembro / 2008.



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Cláudia Mendes Feres

---

Prof<sup>a</sup>. MSc. Tania Inessa Martins de Resende

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcella Marjory Massolini Laureano

A Menção Final obtida foi:

---

Brasília, Dezembro / 2008.

*Dedico este trabalho a todos aqueles  
que, em algum sentido, contemplam a  
sublime união do Amor com a Alma.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Maria Silva e Ademir, pela constante dedicação e carinho para com minha educação, não somente formal, mas como ser humano. Ao meu irmão Ângelo e aos meus amigos Thaís, Priscila, Wilton e Cristina com os quais divido minhas aspirações e que de alguma forma me auxiliaram em mais esta jornada. Aos amigos, grupo forte e coeso que o curso de psicologia desde o início me proporcionou: Paula, Anderson, Luiz Fernando e, especialmente, Joelma por sua companhia e apoio em diversos momentos do curso como também nesta monografia. À professora Cláudia Feres por sua influência inspiradora e dedicação na orientação deste trabalho e também ao longo do curso. Aos professores Moacir Rodrigues, Sandra Baccara, Tania Inessa, Valéria Mori e Ana Maria Beier cujo encontro nessa caminhada foi entusiasmante.



Eros e Psiqué (Canova, 1796). Foto de Joelma Pereira (2008).

Conta a lenda que dormia  
 Uma princesa encantada  
 A quem só despertaria  
 Um infante, que viria  
 De além do muro da estrada.  
 [...]

E, se bem que seja obscuro  
 Tudo pela estrada fora,  
 E falso, ele vem seguro,  
 E vencendo estrada e muro,  
 Chega onde em sono ele mora,

E, inda tonto do que houvera,  
 À cabeça, em maresia,  
 Ergue a mão, e encontra hera,  
 E vê que ele mesmo era  
 A Princesa que dormia.

Eros e Psique (Fernando Pessoa, 1934)

## SUMÁRIO

RESUMO .....	vii
INTRODUÇÃO .....	08
1 – EROS E PSIQUÉ .....	11
2 – EROS, PSIQUÉ E A PSICANÁLISE .....	25
2.1 – AS PRIMEIRAS MARCAS DO AMOR NA ALMA .....	26
2.2 – AMOR IMPEDIDO. AMOR PERMITIDO .....	31
2.3 – ALMA MARCADA. O AMOR NA CLÍNICA .....	37
2.4 – QUANDO O AMOR TRANSCENDE A ALMA .....	40
3 – EROS, PSIQUÉ E A PSICOLOGIA ANALÍTICA .....	46
3.1 – AS IMAGENS QUE TRANSCENDEM A ALMA .....	46
3.2 – TRANSLAÇÃO: O ENCONTRO DE DUAS ALMAS .....	50
3.3 – DO NASCIMENTO AO RETORNO DA ALMA .....	54
3.4 – O REENCONTRO: FAZER COM AMOR E ALMA .....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	61

## RESUMO

No presente trabalho apresentamos a importância do mito como constituinte do fazer humano. Por meio do relato da história de *Eros e Psiqué*, descrita pelo poeta latino Apuléio, demonstramos como o mito torna-se a forma ilustrativa do desenvolvimento da Alma a nível pessoal e cultural através do seu contato com o Amor tanto na psicanálise como na psicologia analítica. Ao tratar desse desenvolvimento nos debruçamos primeiramente sobre a psicanálise do contato do bebê com a mãe como o despertar da alma para a relação eu-outro, do impedimento que a criança sofre em voltar a essa relação e como essa energia ora interdita volta-se para outras relações e para o desenvolvimento da cultura. Quando abordamos a relação entre *Eros e Psiqué*, na teoria junguiana, nos deparamos com o inconsciente coletivo, arquétipos e complexos, de como estas imagens fazem parte da vivência humana, de como são herdadas por meio desse conjunto de vivências – a cultura. E como estas imagens se dispõem para alcançar o que a psicologia analítica denomina individuação. Apresentamos também uma breve crítica aos limites dos modelos apresentados e de uma nova postura de psicoterapia para os tempos pós-modernos defendida por pós-junguianos, que a denomina como psicologia profunda, voltando às raízes, antes das cisões entre as teorias que abordam a análise do inconsciente. Consideramos finalmente, a necessidade de estudo aprofundado na abordagem do mito como exemplo de saber humano que, como ilustra nosso trabalho, foi e é fundamental para o estudo e desenvolvimento das psicologias do inconsciente tanto na teoria quanto na sua prática: a clínica.

**Palavras-chave:** Mito, Psicanálise, Psicologia Analítica.

O amor é um tema que sempre instigou a alma dos grandes pensadores, filósofos, poetas e escritores em todo o mundo e em todos os tempos. Durante a história foi representado de diversas formas das mais sensíveis e irracionais às mais intensas e sublimes. Típico de como é representado da mitologia grega. Personificado em Eros, o amor ora é visto como um ser pueril, filho de Afrodite, irrefreável, terror até mesmo dos deuses olímpicos. E, outrora, como um ser primordial, auto-gerado, presente na origem do universo como unificador do caos. Sem dúvida, nos dois aspectos, um ser poderoso.

O nosso trabalho trata da importância do mito para o desenvolvimento da teoria psicanalítica como também da psicologia analítica. E da importância de tais teorias para a perpetuação do mito e de seu estudo hoje denominado mitologia, que quase se perdeu no tempo e desprezado do interesse humano quando em tais momentos históricos houvera uma valorização da razão sobre as outras formas de saber humano.

Tal característica torna importante também o nosso trabalho que busca se debruçar sobre o conhecimento mitológico, de certa forma, na tentativa também de compreender a relação do passado com o presente da vivência humana baseado nas construções psicológicas de Sigmund Freud (1856 – 1939) e Carl Gustav Jung (1875 – 1961). A princípio, mestre e discípulo, depois grandes amigos, rompem tal relação por divergirem teoricamente quanto à abordagem do estudo da alma a que tanto se dedicaram durante a vida.

Temos como objetivo nas páginas que se seguem tentar articular as semelhanças e levantar as diferenças na teoria de ambos (psicanálise e psicologia analítica). Uma postura típica daqueles que como estudiosos se denominam adeptos à psicologia profunda, termo este cunhado por Bleuler nos primórdios da psicanálise e seu estudo do inconsciente antes das cisões entres os pensadores que discutiam o desenvolvimento da psicanálise ao lado de Freud.

O tema referencial é o mito de *Eros e Psiqué*, falamos aqui sobre o amor e como este é essencial para o desenvolvimento do humano e seu saber, sua cultura. Assim, no capítulo um,

partimos para o relato do mito de *Eros e Psiqué* baseado no texto do poeta Lúcio de Apuléio, que é a única fonte nos nossos tempos de tal história.

Seguimos então (capítulo dois), para a análise do mito de *Eros e Psiqué* no pensamento psicanalítico construído por Freud e também, de forma sucinta, desenvolvido por Lacan com vistas de compreender o desenvolvimento humano desde as relações parentais infantis, das formas de amor humano que perpassam pela clínica psicanalítica até as fundantes de nossa cultura.

Abordamos então, no capítulo três, o mito do Amor e da Alma do ponto de vista da psicologia analítica seguindo o caminho inverso ao citado no parágrafo anterior (do cultural, para a relação clínica, e por fim, o desenvolvimento) cujos personagens atuam de forma arquetípica e se atualizam dentro de cada ser, o que é primordial para a formação da cultura e da influência desta sobre o humano. E apresentamos também neste capítulo, uma pequena articulação da prática clínica psicanalítica com a da psicologia analítica baseada na teoria do contato do amor com a alma.



*A Young Girl Defending Herself Against Eros* (Bouguereau, 1880)

*“L’amour est un oiseau rebelle  
 Que nul ne peut apprivoiser,  
 Et c’est bien en vain qu’on l’appelle,  
 S’il lui convient de refuser!  
 L’amour est enfant de bohême,  
 Il n’a jamais, jamais connu de loi [...]”*<sup>1</sup>

Georges Bizet

---

<sup>1</sup> O amor é um pássaro rebelde/ Que não se pode aprisionar,/ É em vão que o chame,/ Se lhe convém recusar!/ O amor é criança da boemia,/ Ela nunca, nunca conheceu lei [...] – Ária: Habanera da ópera Carmen. Ato I. (Bizet, 1875).

## Capítulo 1

### EROS E PSIQUÉ

Um mito foi, a princípio, uma tradição oral que, de forma mais ampla, funciona como um ensinamento passado de pai para filho, por meio das experiências que tiveram ao longo da vida, criando padrões e o caminho existencial da humanidade por meio da dimensão imaginária. Porém, a forma como os mitos chegaram até nós (apenas escritos) fez com que muito de sua função se perdesse no tempo. “Um mito escrito está para um mito ‘em função’, como uma fotografia para uma pessoa viva” (Brandão, 2007, p. 25).

Também apontou-nos Brandão (2007), que o mito é uma linguagem dentro da linguagem, uma segunda língua que se fala da primeira (metalinguagem), como oposta à razão (*logos*) é a fantasia (*mytos*), mas tal fantasia nos conta de uma história fictícia e traz nela verdades humanas e fenômenos naturais quando o homem não tinha muitos recursos para explicá-los, trazendo um sentido e justificando sua existência. Assim, o mito é construído a partir de uma história verdadeira num tempo primordial que teve uma intervenção sobrenatural, e que por sua vez, engendrou uma nova realidade (total ou parcial). Esta característica por muito tempo o colocou numa posição entre a fé e a razão como conhecimento capaz de comunicar o incognoscível.

Assim, ao contrário de uma abordagem literal de um determinado texto, o mito é a parte irracional do pensamento humano. Os desejos, as emoções, os julgamentos, as demais formas de ação do homem no mundo, muitas vezes metaforizados, aparecem nessas histórias personificados como deuses e heróis como é o caso do mito grego cuja representação do amor e da alma humana é protagonizada respectivamente, por *Eros e Psiqué*.

O mito de *Eros e Psiqué* é uma história que chegou aos nossos tempos por meio do relato de Lúcio Apuléio em sua obra *Metamorfoses* ou *O Asno de Ouro*. Psiqué é descrita como possuidora “de beleza tão rara, tão brilhante, tinha tal perfeição que, para celebrá-la com elogio conveniente, era pobre demais a língua humana.” (Apuléio, n.d., p. 71). Tal beleza

fez com que Psiqué fosse atribuída como uma nova Afrodite, nascida da Terra, germinada pelo orvalho. Pessoas de todas as partes do mundo vinham admirá-la e adorá-la. Duas grandes conseqüências lhe sobrevieram: a primeira, ao contrário de suas duas irmãs mais velhas, que também eram belas, Psiqué não conseguia se casar, pois todos os homens a olhavam como uma divindade e não como possível esposa. A outra, é que sem ter consciência, atraiu para si a ira de Afrodite. A esta os homens deixaram de lhe prestar cultos e seus templos foram abandonados.

Imensamente ofendida por ter seu nome profanado por uma mortal, a deusa da beleza, escolhida por Páris por seus atrativos sem par e aprovada com grande justiça por Zeus entre as deusas mais eminentes. A “antiga mãe da Natureza, origem primeira dos elementos, nutriz do Universo” (Apuléio, n.d., p. 72), quis usar a beleza de Psiqué para castigá-la. Assim, como também citou Apuléio:

Imediatamente, chamou o filho, o menino alado, esse perverso velhaco que, agravando com sua má conduta a moral pública, armado de tochas e flechas, corre daqui e dali durante a noite, pela casa dos outros, incendeia todos os lares, comete impunemente os piores escândalos, nunca faz coisa boa. Se bem que ele já fosse impudente por natural velhacaria. (Apuléio, n.d., p. 72)

Este era seu filho Eros, o terror dos homens e dos deuses, que com suas armas deixavam todos a sua mercê, a serviço do Amor. Após beijá-lo longamente com os lábios entreabertos, Afrodite deu a missão de Eros: encontrar Psiqué e fazê-la apaixonar-se pelo homem mais horrendo da face da Terra.

Enquanto isso, preocupado do porque Psiqué não conseguia se casar, e desta forma, temeroso com a possibilidade de ter sido amaldiçoada pelos deuses, seu pai resolveu procurar o famoso oráculo apolíneo em Mileto. Este o informou que sua filha deveria ser entregue

junto ao precipício de rochedos para um casamento de morte, para uma fera não mortal, que não poupava nem mesmo os deuses.

Acalentando a tristeza de seus pais, Psiqué assumiu seu cruel destino. Houve uma comoção geral, e uma grande comitiva a acompanhou. Entregue à sua sorte, sozinha naquele inóspito lugar, foi o momento em que Zéfiro, o Vento, a levou para um jardim. Exausta, entregou-se ao sono. E ao despertar, ao caminhar pelo jardim pôde contemplar a grandiosidade de um palácio e a beleza do lugar no qual se encontrava.

Atendida por Vozes que passaram a servi-la, informaram a Psiqué que aquilo tudo a partir deste momento lhe pertencia. Psiqué desfrutou de um banho e pôde dormir. À noite, nas trevas, recebeu a visita daquele que ordenou a Zéfiro que a trouxesse a tal paraíso. A princípio, ficou temerosa por sua virgindade, mas entregou-se aos braços do seu misterioso benfeitor, e foi desposada por ele.

Noutra noite, ao receber nova visita de seu invisível esposo, este lhe falou da possibilidade de suas irmãs, que ainda não sabiam de nada e que não tinham acompanhado o tenebroso cortejo, viessem até o rochedo para chorar sua morte. Pediu para que não lhes desse ouvido. Ela concordou, mas desde o amanhecer, sentindo-se sozinha, aprisionada pela falta de contato humano e sabendo que sua família sofria por sua morte, passou o dia a chorar, sem comer e, à tarde, acompanhada apenas pelas serviçais Vozes, retirou-se para dormir.

Seu esposo ao chegar e vê-la marcada pelas lágrimas, admoestou-a novamente, falou do risco que ela correria em ver suas irmãs. Contudo, com belas palavras Psiqué, dirigiu-se ao seu misterioso amante e suplicou para que pudesse ver suas irmãs e lhes contasse de sua boa ventura. Então, “o marido sucumbiu à força e ao poder de Afrodite, às palavras de amor sussurradas em voz baixa. Cedendo, apesar de lamentar, prometeu tudo quanto ela quis.” (Apuléio, n.d., p. 79). Permitiu também que Psiqué entregasse a elas todo o ouro e colares que desejassem. E advertiu que ela não ousasse ver seu rosto mesmo que suas irmãs assim lhe

aconselhassem, pois certamente o perderia para sempre. Surgiu o dia e seu invisível esposo se esvaneceu em seus braços.

Quando suas irmãs foram aos rochedos prestar homenagens a jovem Psiqué, Zéfiro sob ordens de seu senhor arrebatou-as até o jardim onde Psiqué aguardava por elas. Esta as contou de sua felicidade, que estava casada, morando naquele belo palácio e tinha tudo quanto desejasse. Invejadas da vida de sua irmã caçula, quiseram elas saber quem era tal esposo. E Psiqué em breves palavras falou que se tratava de um jovem que passava o dia a caçar. Para não aprofundar o assunto, Psiqué após repartir algumas de suas riquezas com as irmãs despediu-se e solicitou que Zéfiro as levasse de volta aos rochedos.

Em casa, as irmãs ardendo-se de inveja, julgavam que Psiqué, cheia de orgulho, quis fazer pouco delas ao ostentar tamanha riqueza, indignadas com a sua felicidade e ao comparar os casamentos que tiveram em relação ao de Psiqué. As bruxas resolveram não falar para os pais sobre o ocorrido para que a história de seu regozijo não se espalhasse, voltaram a chorar e buscaram implantar um plano para castigar o orgulho de sua irmã.

Ao mesmo tempo em que era informada por seu esposo que em seu ventre carregava um filho, Psiqué novamente recebeu outra advertência sobre a desgraça que lhe viria, e agora também à criança. Eros falou novamente do risco que sua ingênua esposa sofria em receber suas invejosas irmãs, pois fariam Psiqué conhecer-lhe o rosto, mas caso não atentasse para a sua advertência, ele a abandonaria para sempre. Mas mais uma vez, com doces palavras, Psiqué solicitou que seu amado permitisse vê-las novamente, pois já não tinha a felicidade de conhecer o marido e a presença de suas irmãs lhe trazia alegria, e pelo fato de recebê-las disse-lhe: “De teu rosto, de hoje em diante, não quero mais saber. As próprias trevas da noite não têm mais sombra para mim: eu tenho a ti, que és a minha luz.” (Apuléio, n.d. p. 82). E assim, o marido mais uma vez concedeu ao pedido da esposa.

Mal saíram de casa, as duas irmãs foram para o rochedo e confiantes se lançaram no precipício onde Zéfiro, contra a vontade, mas sob ordem de seu senhor as sustentou até o jardim. Ao encontrarem Psiqué, esta lhes contou da felicidade de ser mãe. E ao ser questionada novamente pelas irmãs sobre o marido, Psiqué não se lembrando da descrição anterior, o descreveu como um homem da província vizinha, de meia idade e que tinha grandes negócios. Entregando-lhes novos e suntuosos presentes despediu-se das irmãs e entregou-as ao Vento.

Convencidas de que a irmã era mentirosa, ou não conhecia a aparência do marido, suspeitaram que quem a desposou fosse um deus e ficaram horrorizadas com a possibilidade que o filho que Psiqué carregava fosse divino. Desta forma, já pensavam em voltar na suntuosa casa de Psiqué com o plano em vista. Mal passaram a noite na casa dos pais, em que estiveram insones, voltaram para os rochedos e novamente com o auxílio do Vento foram até a irmã.

Fingindo temer por sua vida, e em lágrimas, falaram a Psiqué que ela corria perigo, que uma serpente era vista durante a noite rastejando e nadando nos rios daquela região. Desconfiada, Psiqué confessou às irmãs que não conhecia o rosto do marido. Deduziram que tal esposo seria uma vil serpente, como a besta descrita pelo oráculo do deus de Delfos, e que certamente tal monstro esperava que o seu filho ficasse maior para devorar a ambos.

Assim, depois de terem ido as suas irmãs de volta para casa, que lhe prometeram proteção após tomasse a providência de matar o marido. À luz de um candeeiro e com uma navalha na mão, Psiqué, acompanhada pelas Fúrias, esquecendo-se de todas as promessas que fizera ao marido, resolveu colocar o plano de suas irmãs em prática.

Enquanto seu esposo repousava,

Psiqué, débil, por natureza, de corpo e de alma, o fado cruel fortaleceu. Ela foi procurar a lâmpada e apanhou a navalha: a fraqueza do seu sexo transformara em

audácia. Mas assim que a oblação da luz revelou, no seu clarão, os segredos do leito, ela viu a mais feroz de todas as feras selvagens, o dulcíssimo, o adorável monstro. Eros em pessoa, o deus formoso que formosamente repousava. (Apuléio, n.d., p. 85)

Ficou tão surpresa frente tal imagem que, se não tivesse escorregado de suas mãos, usaria a navalha para tirar a própria vida. Recuperando o ânimo, quis esquadrihar com a luz toda a beleza de teu esposo, o rosto jovial, os cabelos dourados e cacheados repletos de ambrosia, as plumas brancas de suas asas repousadas sobre as costas e todo seu corpo liso e brilhante.

Também com imensa curiosidade observou Psiqué as armas do marido: o arco, o carcaz e as flechas colocadas ao pé da cama. E ela então,

tirou uma flecha do carcaz, provou a ponta no polegar, com um dedinho trêmulo, apoiou-a um pouco mais forte, picou-se apenas o bastante para que algumas gotinhas de sangue rosado perolassem a superfície da pele. Foi assim, que, sem saber, Psiqué se tomou ela própria de amor pelo Amor. (Apuléio, n.d., p. 86)

Tomada de desejo pelo marido, Psiqué debruçou-se sobre ele e beijou intensamente, mesmo com medo de acordá-lo, mas sem perceber, uma gota de óleo fervente do candeeiro pingou sobre as costas de seu amado, que ferido pela dor, acordou e subitamente alçou voo. Desesperada para não perdê-lo Psiqué agarrou-se em sua perna direita, mas não agüentando caiu ao solo.

Eros antes de sumir no céu e punir Psiqué com sua ausência voltou e do alto de um cipreste falou a ela dos planos de sua mãe Afrodite. Explicou que antes de cumpri-los foi ferido com suas próprias flechas, e assim, a tomou como esposa. Depois de tantos feitos, questionou como Psiqué poderia ter acreditado que ele era uma besta e quereria matá-lo.

Como pôde ignorar suas palavras e escutar os conselhos perversos de suas irmãs. Estas pagariam por terem feito tal mal.

Desesperada, em prantos se jogou no rio, mas este temeroso ao deus do Amor num redemoinho a lançou para fora. Veio então a sua presença Pã que lhe deu conselhos em buscar se reconciliar com o marido. Saindo dali com o objetivo de encontrar seu esposo, viu que estava próxima às terras do marido de uma de suas irmãs e foi ter como ela. Explicou a ela o que lhe sucedera após ter visto o rosto de Eros e queimado sua pele com o óleo, disse também que ele pediu o divórcio e despedindo-se dela falou que desposaria sua irmã, esta com quem ela falava.

Sua irmã avidamente deu uma desculpa a seu marido, falou a ele que seus pais haviam morrido, pegou um navio e foi para o rochedo, clamando por Eros saltou na primeira brisa e precipitou-se nas pedras. Contando Psiqué a mesma história para sua outra irmã, esta fez o mesmo que a primeira.

Eros havia voltado para a casa de Afrodite, mas ela estava no reino de Posídon. Uma gaivota sabendo de toda história procurou Afrodite no reino das águas e lhe contou tudo o que havia sucedido e que o seu filho sofria moribundo em casa por ter escolhido por esposa a jovem e bela Psiqué. Ressaltou Brandão (2008, p. 214) que “A mãe, que não quer nora, mas o filho apenas para si, mãe que beija ‘com os lábios entreabertos’, deixou o palácio ardendo em fúria e em ciúmes.”

Então, indignada, Afrodite exclamou, completamente transtornada: Psiqué! Ela, a usurpadora de meu nome e minha rival em beleza? E ele a ama verdadeiramente? O velhaquete me tomou por uma alcoviteira, e imaginou que eu lhe mostrei essa moça, para que ele a conhecesse. (Apuléio, n.d., p. 89)

Voltando ao seu palácio de ouro procurou por Eros e o encheu de insultos. Deixando o menino, encontrou-se com Deméter e Hera, solicitou a ajuda das grandes deusas para

encontrar Psiqué, mas estas com receio das flechas inflamadas de Eros procuraram suavizar a situação. Afrodite se sentindo ainda mais ultrajada voltou-se para o oceano.

Psiqué continuava errante em busca do esposo, avistou um templo e nele entrou. Contrita, orou e pediu ajuda, na sua presença veio Deméter, repetindo as preces por socorro, implorou para que a deusa a abrigasse ali por alguns dias, para evitar a ira da mãe de seu amado, mas Deméter, contudo, não querendo suscitar mais ira em Afrodite, não atendeu o pedido da moça, mas também por pena, não a entregou à fúria da deusa da beleza. A jovem moça saindo dali e continuando sua caminhada se deparou com outro templo, percebendo que o mesmo pertencia a Hera lhe prestou adoração pedindo refúgio. A própria deusa apareceu e também por consideração a Afrodite não lhe concedeu auxílio. Mas a aconselhou que procurasse logo por Afrodite e, desta forma, buscasse resolver logo tal litígio.

Afrodite havia ido até Zeus pedir o auxílio do mensageiro Hermes para que desse Psiqué como procurada e o deus-dos-deuses consentiu. Hermes também não hesitou em cumprir as suas ordens, porém, Psiqué já estava resoluta a se entregar à ira de Afrodite e se aproximava de seu palácio quando a serva da deusa, Hábito, a encontrou e arrastando-a pelos cabelos a levou até sua senhora. Vendo tal cena Afrodite em meio a gargalhadas, entregou Psiqué às suas também servas a Tristeza e a Inquietação. Depois considerou seu casamento ilegítimo por julgo desigual e o filho que carregava no ventre como bastardo, rasgou suas vestes, arrancou-lhe os cabelos e a espancou.

Deu então Afrodite a Psiqué uma tarefa que deveria realizar até o final da tarde. Um monte de grãos contendo trigo, papoula, cevada, milho, ervilha, lentilha e fava, todos misturados, ela deveria separá-los conforme sua espécie. Então, a deusa se retirou para uma festa de casamento. Psiqué ficou silente e estupefata frente à impossibilidade da tarefa, foi que surgiu uma formiga que teve compaixão da jovem e convocou seu exército para ajudar, assim, Psiqué cumpriu a primeira tarefa. Quando Afrodite chegou, furiosa, pensou que sua decadente

nora teria sido auxiliada por seu filho Eros. Mas este estava encarcerado recuperando-se de seu machucado.

Antes de o dia amanhecer, Afrodite procurou novamente Psiqué e lhe deu a segunda tarefa, deveria ir até o bosque banhado pelo rio e das ovelhas selvagens que possuíam lã de ouro, trazer-lhe um floco. Ao chegar às margens do rio e como forma de se livrar de seus dias ruins pensou em se jogar, mas um caniço que ficava ali sussurrou a ela que não fizesse isso. Explicou que o rebanho atacava os seres humanos com mordidas envenenadas para matá-los devido à irritação que o calor do sol provocava, e aquecia demasiadamente sua lã dourada. Mas eis o truque: se Psiqué esperasse o sol baixar, as ovelhas iam se refrescar na beira do rio e ficavam mais calmas, ao entrar no bosque a esta hora ela poderia colher nos ramos e folhas, por onde as ovelhas passavam, o tanto de lã que desejasse, e assim o fez.

Afrodite não acreditou que Psiqué tivesse conseguido novamente e não contente lhe deu uma nova tarefa. Entre outras ameaças entregou uma ânfora de cristal a Psiqué, e pediu para que ela colhesse no cume dos rochedos escarpados as águas escuras que compõe o rio Estige e que se encaminha para o Cocito. Ao começar a caminhada, viu Psiqué que era impossível alcançar tal fonte, o rochedo era íngreme e liso, a fonte era guardada por dragões e as águas bramavam para que ela se afastasse se não morreria. “Mas as penas da alma inocente não escaparam aos olhos graves da boa Providência.” (Apuléio, n.d., p. 97).

A águia de Zeus que certa vez sob as ordens de Eros trouxe até seu soberano o jovem Ganimedes, resolveu ajudar a esposa do deus alado. Pegou das mãos de Psiqué a ânfora de cristal e voou até as águas escuras, anunciou que estava a serviço de Afrodite e conseguiu pegar a água da fonte que foi solicitada.

Ao voltar e se encontrar com Afrodite, esta a acusou de feitiçaria por conseguir realizar suas provas. E como não bastava, na intenção de recuperar a beleza que perdera ao cuidar do filho enfermo, a deusa lhe passou mais uma tarefa. Entregou-lhe uma pequena caixa

para que fosse ao inferno pedir, em seu nome, que Perséfone depositasse nela o correspondente a um dia de beleza, e advertiu Psiqué que não demorasse, pois teria que usar o conteúdo da mesma antes de ir para um espetáculo no teatro dos deuses.

Psiqué compreendeu que a deusa ao mandá-la para o Inferno estava querendo realmente a sua morte. Como forma de alcançá-lo rapidamente subiu numa alta Torre para se jogar, mas esta a interrompeu e disse que não poderia voltar ao mundo dos vivos se fosse por este caminho. Então, lhe ensinou acessar o Tártaro, por meio de um caminho que há na Lacedemônia, uma cidade da Acácia, que não ficava muito distante dali e onde ela encontraria a entrada do Inferno, no Tênaros. A Torre lhe deu várias instruções, como levar bolos de cevada amassados com vinho e mel em cada uma das mãos e duas moedas na boca, assim como, no caminho disse a ela que encontraria um coxo com seu burro e que ele lhe pediria ajuda, mas deveria passar quieta sem lhe ajudar no pleito.

Ao passar pelo coxo, avistaria o barqueiro Caronte que lhe cobraria uma das moedas para fazer a travessia para outra margem do rio da morte. Ele deveria pegar com a própria mão a moeda na sua boca. No rio, um velho lhe estenderia a mão para que ela o puxasse para o barco, mas da mesma forma, não deveria lhe prestar ajuda. E já na outra margem avistaria três senhoras tecendo um pano e que também lhe pediriam auxílio, mas da mesma forma, não deveria ajudá-las. Explicou a Torre que tudo isto seriam armadilhas de Afrodite para que Psiqué soltasse um dos bolos que levava e, assim sem um deles, jamais poderia voltar para o mundo dos vivos.

Às portas da casa de Perséfone havia Cérbero, o cão de três cabeças que ladrava como trovão, a ele deveria lançar um dos bolos que levava, pois o deixaria quieto e ela poderia passar para a casa da deusa do inferno. Ela a receberia e com bondade convidaria Psiqué para um banquete, mas ela não deveria aceitar, sentaria no chão e pediria um pão grosseiro.

Pegaria o que lhe foi encomendado e voltaria, entregando o outro bolo para Cérbero e a outra moeda para Caronte para atravessar o rio, assim estaria de volta.

Desta mesma maneira prosseguiu Psiqué em todas as instruções que a Torre lhe deu. De volta ao mundo dos vivos e com a caixinha com um dia de beleza nas mãos teve grande curiosidade e quis abri-la para tirar um pouco de beleza para ela e ao encontrar Eros pudesse agradá-lo. Destacou Brandão (2008): “Como no mito de Pandora, as mazelas sempre estão guardadas em jarras e caixinhas! E a da esposa de Eros não continha beleza imortal alguma, mas o sono estígio, que, espalhando-se, se apoderou de Psiqué.” (p. 218)

Eros, que havia se recuperado de seu ferimento, com saudades de sua amada e suspeitando do que estaria se sucedendo a ela, fugiu do palácio de sua mãe e foi procurar Psiqué, quando a achou, a pegou em seus braços, recolheu o sono e o encerrou na pequena caixa novamente. Com uma de suas flechas picou levemente Psiqué para que despertasse, entregou a caixa a ela e pediu para que terminasse de cumprir a missão que sua mãe a determinou, pois as demais coisas para alcançar a felicidade deles, ele faria. Cheio de amor por Psiqué, Eros temendo sua mãe voltou às suas atividades, e voou até o Céu para encontrar-se com Zeus e lhe contou sua história e a ele fez o pedido para que pudesse oficialmente desposar Psiqué. O deus-dos-deuses consentiu desde que ele passasse a respeitá-lo (o que nunca tinha feito antes) e que também em troca deste ato, caso Eros encontrasse pela Terra uma beleza inigualável que lhe entregasse.

Zeus então ordenou que Hermes anunciasse a todos os deuses, sob pena de multa, que viessem ao anfiteatro do Céu. Assim, todos se fizeram presentes e do seu alto trono anunciou, conforme escreveu Apuléo:

aqui está um adolescente que criei com as minhas mãos, como vós todos sabeis.

Achei que é preciso por um freio aos impetuosos ardores de sua primeira juventude. Assim, ele tem dado o que falar, pelo escândalo cotidiano de seus

adultérios e tolices de toda espécie. Tiremos-lhe a ocasião e acabemos-lhe com a luxúria de adolescente, encadeando-o com os laços do casamento. Ele escolheu uma moça e tirou-lhe a virgindade. Que a conserve, que a guarde para si, e unido a Psiqué, possa fruir para sempre o seu amor. (Apuléio., n.d., p. 100)

Depois consolou Afrodite, disse que não deixaria seu filho casar com uma desigual. Solicitou a Hermes que buscasse Psiqué. A ela ofertou a taça de ambrosia tornando-a imortal e com Eros a casou pronunciando a este casal que os laços que se fizeram a eles jamais se desfariam. Houve uma grande festa, aos deuses sentados em sua ordem de importância, foi servido o néctar por Ganimedes. Afrodite, ao som do canto e da cítara de Apolo, dançou. “Foi assim que Psiqué passou, conforme os ritos, para as mãos de Eros. Chegado o momento, nasceu-lhes uma filha que chamamos Prazer.” (Apuléio, n.d., p. 101).

O relato do mito de *Eros e Psiqué* como descrevemos nas últimas páginas, e como todos os outros, estão longe de ser considerados uma história verossímil do ponto de vista racional. A palavra mito é carregada de um significado pejorativo de falsidade, que não se deve dar crédito, que não é digno de confiança, mas isso não é privilégio dos tempos modernos, que com o advento do positivismo científico deu primazia à razão, se ocorre nos dias atuais, é porque houve uma tentativa principalmente dos Pré-Socráticos em eliminar o mito ou diminuí-lo quanto seu caráter sagrado em favor da razão já naquela época. Como assinalou Brandão (2007, p. 27): “se em todas as línguas européias o vocábulo ‘mito’ denota ‘ficção’, é porque os gregos o proclamaram há vinte e cinco séculos”.

Azevedo (2004) apresentou em *Mito e Psicanálise* que assim como a linguagem o mito é paradoxal na sua construção em diversos aspectos. Elegemos dentre eles exatamente a questão de que a história mítica apresenta uma verdade implícita. Tal característica permitiu que Freud, por meio do pensamento psicanalítico, abordasse questões profundas do ser

humano e de seu desenvolvimento que é tão paradoxal quanto o mito, tornando-o seu grande exemplo, sua ilustração.

E assim Freud, como também Jung, Neumann, Von Franz, entre outros, (com algumas particularidades entre si na forma de abordarem e interpretarem o mito) devolveram a ele a seriedade que sempre tivera no passado. Perceberam a importância do mito como constituinte da cultura por meio da experiência humana no passado e com o que lhe era desconhecido, desta maneira, encontraram a razão de sua produção e uniram por meio de seus trabalhos com o mito os ditos opostos: *mythos* e *logos* em *mitologia*.



*Elegy* (Bouguereau, 1899)

*“[...] Fu in quel dolore che a me venne l'amor!  
Voce piena d'armonia e dice: "Vivi ancora! Io son la vita!  
Ne' miei occhi è il tuo cielo! Tu non sei sola!  
Le lacrime tue io le raccolgo! Io sto sul tuo cammino e ti sorreggo!  
Sorrìdi e spera! Io son l'amore! Tutto intorno è sangue e fango?  
Io son divino! Io son l'oblio! Io sono il dio che sopra il mondo  
scendo da l'empireo, fa della terra un ciel!  
Ah! Io son l'amore, io son l'amor, l'amor" [...]”*<sup>2</sup>

Umberto Giordano

<sup>2</sup> [...] Em meio àquela dor que o amor veio a mim!/ E com voz cheia de harmonia murmurou: Vive ainda! Eu sou a vida!/ Nos meus olhos o teu Céu! Não estás sozinha!/ Recolho as tuas lágrimas! Sigo o teu caminho e te amparo./ Sorri e espera! Eu sou o amor! Tudo ao redor é sangue e lodo?/ Eu sou divino! Sou o esquecimento! Sou o deus que reina o mundo/ desce do Império, faz da terra um paraíso!/ Ah! Eu sou o amor, Eu sou o amor, O amor [...] – Ária: *La mamma morta* da ópera Andrea Chénier. Ato III. (Giordano, 1896).

## Capítulo 2

### EROS, PSIQUÉ E A PSICANÁLISE

Segundo Bettelheim (1982), Freud ao construir o termo Psicanálise o compôs influenciado pelo grego. A primeira parte da palavra se refere à Psiqué, a personificação da alma. Análise é a desconstrução, a decomposição do todo em partes. Assim, podemos definir o termo psicanálise como: esquadrihar a alma. Bettelheim (1982), ainda abordou a possibilidade de Freud ter se baseado no mito de Psiqué pelo fato dela ter descido ao Inferno antes de alcançar sua realização. Analogamente, Freud desceria às profundezas da alma para revelá-la.

Esta tentativa de desvendar o que está velado aproxima, mais uma vez, o mito da psicanálise. Como relatou Azevedo (2004), é exatamente este jogo do coberto e encoberto, de velar e desvelar, de entender a origem de determinadas ações que os indivíduos apresentam e não têm conhecimento delas ou se têm, não sabem por que as apresenta, ou seja, do grande poder que o inconsciente exerce sobre o homem, instigou Freud a se debruçar no estudo da alma.

Seu trabalho partiu da busca pela etiologia da neurose (1898/1997) no qual já via traços fortes de questões que envolviam a sexualidade. Mas sua obra ganha espaço apenas com a publicação de seu texto *A Interpretação dos Sonhos* (1900/1997), que vai revelar exatamente, como já citado, o poder determinante do inconsciente nas ações humanas. A partir daí a Psicanálise foi tomando corpo, quebrando paradigmas, escandalizando a Academia e a sociedade de sua época quando nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1997) ele retoma o tema sexual e apresenta o grande argumento da sexualidade infantil.

É exatamente neste ponto que voltaremos nossos olhares para o mito de *Eros e Psiqué* como co-participante para o desenvolvimento de sua teoria. Começamos pelo final do mito: o enlace de Eros e Psiqué, o casamento destes em cada ser humano que nasce, é o que gera a

vida. Nasce a Volúpia (o Prazer) simboliza o momento em que vivemos direcionados pelo princípio de prazer, porém, a forma como nos damos com essa união frente à realidade gera a grande distinção entre os homens e os demais animais, pois é o cerceamento do prazer que promove o desenvolvimento da linguagem, do convívio social, da educação, da religião, ou seja, da cultura.

## **2.1 – As Primeiras Marcas do Amor na Alma**

Na primeira fase do pensamento psicanalítico, por meio da neurose, Freud constrói o caminho inverso do desenvolvimento humano e de sua sexualidade adulta e chega às suas bases ainda na infância. Assim quando nasce, a criança, como uma extensão do corpo materno é apenas um corpo no sentido estritamente biológico. E ainda pior, em relação às outras espécies, é um corpo despreparado para a sobrevivência, extremamente dependente, desamparado. Lembramos do mito, quando Psiqué (a alma), é levada para os rochedos e lá deixada, da mesma forma, frágil e desamparada, a espera de seu casamento de morte, mal sabe ela que tal casamento lhe traria grande prazer na vida.

Esta alma para poder sobreviver precisa ser alimentada, cuidada, assim, desde os primeiros momentos do pequeno ser no mundo, devido o contato com sua mãe, inicia-se a diferenciação. Eis o poder do Amor: ao satisfazer a fome o bebê, ele não apenas é saciado com o leite materno e elimina assim uma demanda corporal, mas também é invadido pelo cuidado da mãe, do desejo dela sobre ele e o faz sentir grande prazer nesta relação.

O que no mito de *Eros e Psiqué* nos aponta para a noite de núpcias do casal onde a jovem Alma não conhecia ainda a face do Amor. Mas cuja relação a faria trazer em seu ventre a criança que ao nascer seria chamada Prazer (Apulêio, n.d.).

O que era apenas instinto de sobrevivência, de ordem genética, agora é pulsão, tem um sentido, ainda que precário formado apenas por restos de sensações, mas que evoluíram. Tais representações por meio do cuidado materno se alinhavam, como uma rede cujas tramas

passam a ser construídas. Desta relação com a alteridade o eu do bebê começa a diferenciar-se, o que era resto de sensação se tornam traços mnêmicos.

O corpo da criança erotizado pela mãe é marcado por grandes satisfações e então ele passa a ser uma Psiqué, uma alma pulsante, desejante, tocada pelo amor, e que a partir deste instante vai à busca de novas satisfações tão intensas quanto às primeiras. A pulsão ávida pela busca da satisfação do desejo passa a ser a força motriz do corpo, ou melhor, a pulsão é a alma que dá vida a este corpo anteriormente apenas biológico e desamparado.

A pulsão é o processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que faz o organismo tender para um objetivo. [...] tem sua fonte numa excitação corporal (estado de tensão); o seu objetivo ou meta é suprimir o estado de tensão que reina na fonte pulsional; é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir a sua meta. (Laplanche & Pontalis, 2004, p.394)

É este amor que traz sentido a alma na busca pela vida. E tal amor primeiramente será vivenciado pelo bebê pelo que Freud denominou como auto-erotismo que abordaremos nas fases a seguir.

É o amor da mãe que banha o corpo do bebê marcando-o por todas as partes e todas elas se tornam além, muito além, que mera fonte de satisfação somática, mas também, de prazer. Um grande exemplo disto está no mito quando Afrodite ao insultar Eros fala de sua relação com o jovem deus e os cuidados que teve para com ele quando pequenino: “essa cabeleira que amiúde, com minhas próprias mãos, acariciei e fiz brilhar como ouro [...] essas asas que sobre meu seio inundei de néctar.” (Apulêio, n.d., p. 90).

Assim, todo o corpo se torna fonte de prazer, porém, Freud elege e nomeia as principais zonas erógenas que são mais investidas pela criança, as pré-genitais: oral, anal e fálica. O período de latência e a genital propriamente dita ou genital adulta.

Importante lembrarmos que a teoria de Freud sobre a sexualidade infantil não tem caráter desenvolvimentista no sentido que as fases são abandonadas conforme a idade avança, apenas leituras rasas sobre sua obra geram críticas neste sentido. Não há um abandono de uma fase para outra e muito menos idades exatas que as delineiam. Tais divisões possuem uma questão meramente didática, cada fase vai depender da outra, se comunicam. Como um movimento em espiral, em torno do mesmo ponto, mas cada retorno sob uma ótica e experiências diferentes.

O simples ato de sugar do bebê outrora instintual torna-se chupar – agora de caráter pulsional – é carregado de prazer. O bebê guarda os restos de sensação e sem intenção descobre ao se alimentar que sua boca é a fonte desse grande prazer, não é mais apenas o órgão da alimentação, traz satisfação de cunho sexual. Sexualidade esta, como citamos, inserida pela mãe no seu amor pela criança.

Neste período a criança com fome mesmo na ausência da mãe consegue por meio da auto-satisfação (chupar o dedo, por exemplo) manter-se por algum tempo distanciada dela até que a fome seja mais implacável e a sua presença se torne imprescindível. Tal prazer frente à ausência materna traz à tona a possibilidade de fantasia e é esta de fato que permite resistir a tal ausência por algum tempo. Assim, por ser a parte mais estimulada nesse período no bebê, a boca, nomeou a primeira fase da sexualidade infantil: fase oral. A criança passa a conceber o mundo pela boca, a exemplo, objetos a sua volta são levados à boca.

Como abordaremos, mais a frente, o bebê da relação simbiótica com a mãe começa a diferenciar-se em relação ao corpo materno (eu-outro), e conforme avança no desenvolvimento das fases descritas por Freud passa a conceber o outro, a realidade e o mundo. E suas escolhas perante estas novas perspectivas vão estar intrinsecamente relacionadas com a forma pela qual passou por cada fase de seu desenvolvimento.

Na seqüência, Freud descreve a fase anal, a libido se volta principalmente para o controle dos esfíncteres. Há um grande prazer da criança em reter e expulsar a urina e principalmente as fezes, estas são carregadas de grande valor simbólico em relação à ação da criança no mundo (Laplanche & Pontalis, 2004). O que levou Freud a considerar o caráter ativo-passivo desta fase. Mas como base do desenvolvimento pré-genital, nesta fase o amor da mãe pela criança não é mais tão incondicional quanto na primeira, vai representar que a partir desse ponto suas ações dependem da aceitação social. E assim, ela passa a renunciar o prazer frente a tais demandas, suas atitudes voltam-se na tentativa de agradar a mãe e obter seu amor novamente. Como exemplo, citou Freud em *História de uma Neurose Infantil* (1918/1997):

O ato de ceder às fezes em favor (pelo amor) de alguém, torna-se um protótipo de castração, é a primeira ocasião na qual um indivíduo partilha um pedaço do seu próprio corpo com a finalidade de ganhar os favores de qualquer outra pessoa a quem ame. (Freud, 1918/1997, Ed. Eletrônica)

Na fase fálica as pulsões parciais voltam-se para a unificação genital, devido à valorização cultural do pênis, este se torna o grande representante do *falus* (poder, o ter e o não ter) isto leva as crianças a diferenciarem-se sexualmente entre a dicotomia fálico-castrado: quem tem e quem não tem o pênis. Nesta fase se completa a relação triangular iniciada na fase anal de mãe-pai-filho e um conflito se instaura em relação a este terceiro na busca do amor desta mãe, o que por sua vez, torna-se uma relação ambivalente de amor e ódio.

As fases pré-genitais são guiadas pelo princípio de prazer, ou seja, busca pela descarga da pulsão. Assim, concebidas como período de auto-erotismo, são ao mesmo tempo fonte e objeto da pulsão, como afirmamos inicialmente, é apoiada no corpo em vista às zonas erógenas. Essas pulsões parciais por serem marcadas por uma desorganização procuram a descarga das tensões por meio das zonas erógenas como relatadas em cada fase supracitada e

que no bebê estão ligadas às funções vitais, desta maneira, Freud definiu a sexualidade infantil: o prazer de órgão.

E por não haver a primazia de um órgão que contemple a sexualidade e também por não ter uma finalidade específica, Freud passou a denominar a criança como polimorfo-perversa. Desta maneira, a perversão não nos é tão estranha como julgamos, ela está na raiz do nosso desenvolvimento, ou seja, somos segundo Freud, originalmente perversos, o que faz da perversão extremamente familiar, tão familiar, que a grande maioria das pessoas passam a rejeitá-la devido às demandas culturais. Assim, cabe lembrar que há distinções: na criança a perversão não tem um centro ou primazia pelo órgão genital, por exemplo. Enquanto na perversão adulta há uma organização em torno de um objeto ou finalidade sexual, mas que fogem às normas de obtenção de prazer com o sexo oposto e que não tem vistas para a procriação.

Em seu artigo *A Organização Genital Infantil* (1923/1997) Freud fez um acréscimo aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905/1997). Neste último a organização sexual sob o primado do órgão genital se daria apenas a partir da puberdade e da sua escolha de objeto, porém, como citou:

Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. (Freud, 1923/1997, Ed. Eletrônica)

A organização genital infantil equivale à fase fálica na qual uma atenção especial é dada ao órgão sexual masculino cuja atenção abordaremos posteriormente e que conforme Freud, em sua nova contribuição à teoria sexual infantil (1923/1997), pouco se difere da organização genital adulta.

Logo após as fases pré-genitais segue o período de latência, a partir do declínio do Complexo de Édipo, que é caracterizada por uma diminuição da sexualidade e da afetividade em relação aos objetos com vistas aos sentimentos como pudor e aspirações morais por meio da fundação do recalque que, por sua vez, torna o desejo infantil inconsciente (amnésia infantil).

A fase genital adulta então é a centralização das pulsões parciais sob o primado das zonas genitais que se iniciou na fase fálica, barrada temporariamente pelo período de latência e cujo objetivo não é apenas o prazer pelo prazer, mas a procriação. Nesta fase o púbere rompeu definitivamente com o auto-erotismo das fases pré-genitais e escolhe para si um outro objeto que não é mais seu primeiro objeto de amor, porém, seguirá conforme os moldes vivenciados nas fases anteriores da sua relação parental. Define-se aqui a dicotomia masculino-feminino.

## **2.2 – Amor Impedido. Amor Permitido**

A passagem da libido pelas zonas erógenas, como ilustra o mito de *Eros e Psiqué*, vai evocar outro mito: *Édipo Rei*, que Freud teorizou sobre o complexo que traz o seu nome. Não apenas fundamental quanto o primeiro, mas, principalmente, determinante dentro do pensamento psicanalítico no que tange às condições humanas, suas escolhas e formação social. Mais uma vez, vemos a importância e a fusão do mito para com a psicanálise e desta para com o mito nos tempos modernos (Azevedo, 2004).

Voltemos à passagem da fase anal para a fálica em relação ao conflito outrora citado. Neste momento a criança tem a mãe não apenas como objeto de amor mais como de poder, como um grande *falus* e procura agradá-la para conseguir sua atenção, admiração e amor a todo custo, muitas vezes, como citamos, abrindo mão de suas satisfações auto-eróticas. Mas neste instante a criança sofre com a chamada “visão do horror”, percebe que sua mãe não é

tão poderosa assim, ela não tem o poder que imaginava, ela não tem o *falus*, representado pelo pênis, ela é castrada.

Mais uma vez podemos evocar, como Freud o fez, o mito. Em seu texto *A Cabeça de Medusa* (1922/1997) ele relata sobre o olhar petrificante que tão bem caracteriza a então chamada “visão do horror”. Em suas palavras:

Constitui fato digno de nota que, por assustadoras que possam ser em si mesmas, na realidade, porém, servem como mitigação do horror, por substituírem o pênis, cuja ausência é a causa do horror. Isso é uma confirmação da regra técnica segundo a qual uma multiplicação de símbolos de pênis significa castração.

A visão da cabeça da Medusa torna o espectador rígido de terror, transforma-o em pedra. (Freud, 1922/1997, Ed. Eletrônica)

A percepção de que a mãe é castrada faz com que o menino tenha receio de perder seu pênis e venha a se tornar tão desprovido, castrado, como a mãe. Esta presente ameaça o faz recuar do desejo pela mãe e, como já citamos, o recalque atinge seu auge, a fase fálica se encerra e inicia-se o período de latência no qual o desejo pela mãe é deslocado para o inconsciente, de forma que, futuramente, na fase genital adulta, promova a escolha de novos objetos de amor. Este medo da perda do pênis tão ligado ao Complexo de Édipo, Freud o denominou como Complexo de Castração.

A “visão do horror” é amplificada pela inserção de um terceiro: o pai. Apresentado pela mãe na relação, este sim tem o poder que a criança antes atribuía a mãe. O menino passa a disputar o amor da mãe com o pai e que lhe causa um grande sentimento de ambivalência, ao mesmo tempo em que o ama, o odeia. O ódio da criança em relação ao pai é por interdita-lo de seu grande objeto de amor (a mãe), o mais precioso e que nunca mais poderá dele desfrutar, porém, o ama por este lhe mostrar o mundo e outras possibilidades de amar (outros objetos).

Em seu texto *Totem e Tabu* (1914/1997) Freud construiu uma alegoria que propõe a herança cultural da idéia do tabu do incesto que, por sua vez, ligam os complexos de Édipo e de Castração no caso masculino. Nesta história há uma horda humana primitiva cuja liderança segue um modelo patriarcal centrada numa figura extremamente ciumenta, forte, violenta e dominante, que expulsava os filhos em crescimento e mantinha as mulheres da horda sob seu poder. Invejado e odiado este pai é vítima de seus filhos que o matam e o devoram almejando seu lugar.

Após o ato sentiram-se culpados, então, por meio da instituição do totem eles mesmos passaram a proibir o que a presença de tal pai sempre evitara e negaram também para si mesmos as mulheres que foram libertadas. “Assim, criaram dois tabus fundamentais de totemismo a partir da sensação de culpa do filho, e exatamente por essa razão os tabus tinham de corresponder aos dois desejos reprimidos do Complexo de Édipo.” (Freud, 1914/1997, Ed. Eletrônica)

No menino conforme tais explicações são muito claras, mas o mesmo não pode ser confirmando no caso das meninas, apesar de similar, há um diferencial, num primeiro momento ela percebe que não tem pênis, ou melhor, que é diminuto – pois tem a esperança que cresça – o que caracteriza a inveja do pênis, ao passar pela “visão do horror” e constatar que ela é tão castrada quanto à mãe e que seu pênis não vai crescer, faz com que ela busque no pai o poder perdido e a relação ambivalente se realiza com a mãe na disputa pelo amor do pai.

Assim, enquanto o Complexo de Castração permite com que o menino rompa com o Complexo de Édipo, na menina, o Complexo de Castração favorece sua entrada no Complexo de Édipo e sua permanência nessa relação, assim, como, na eterna busca pelo segredo da feminilidade. Fica fadada a repetir nas suas relações futuras a sua experiência edipiana, mais marcadamente que o menino.

Bettelheim (1982) cita que grandes semelhanças se dão entre o mito de *Eros e Psiqué* e *Édipo Rei*. Este último conta-nos de um pai, que temeroso ao receber do oráculo a profecia que seu filho tomaria seu lugar, para impedi-lo, tenta destruir o filho ao nascer. Em *Eros e Psiqué* vemos a tentativa de uma deusa-mãe, percebendo que, como a humanidade, seu próprio filho sairia de seu seio para amar outra jovem, e por isso, tenta destruí-la como forma de vingança.

A história de Édipo torna-se uma tragédia, enquanto de Psiqué apresenta um desfecho ditoso. O que nos traz um fato bastante significativo: é perfeitamente claro e aceito que uma mãe torne-se irada e enciumada da jovem que faz com que seu filho a deixe. Que seja nas preferências do filho seu amor suplantado pela beleza da mais jovem, e esta ter que lidar com o ciúme do primeiro objeto de amor do filho. No mito Afrodite, então convencida por Zeus, acaba aceitando as núpcias de seu filho e fica em paz com Psiqué que também se torna uma imortal.

No caso de Édipo matar o pai e desposar a mãe não é uma atitude que pode ser concebida socialmente, esta é uma fantasia infantil e assim deve permanecer. Ao realizar a fantasia Édipo agiu contra a cultura, que por sua vez, dita que o jovem se case com uma mulher de sua geração e não com a própria mãe e faça as pazes com seu pai. Que rompa com a relação simbiótica e direcione seu desejo e amor a novos objetos. Por desrespeitar estes fundamentos a história termina de forma trágica.

Dirigimo-nos novamente para a castração. O medo da perda no caso masculino e a constatação de que o pênis lhe falta, no feminino, que surge com a imposição da realidade, dita que somos seres incompletos e inconscientemente desejanter em voltar à plenitude dos cuidados maternos. Este vazio, o falta-a-ser como disse Lacan, em busca de preenchimento, faz com que nossa alma se mova no mundo civilizado.

Neste período evidencia-se outra particularidade do primeiro momento da obra de Freud, a distinção entre a pulsão sexual e a pulsão do eu, a distinção entre amor e fome. Apesar das pulsões do eu surgirem a partir das pulsões sexuais, frente às limitações do princípio de realidade elas passam a se opor. Assim, mediante o impedimento de realizar o desejo do incesto (pulsão sexual), a criança recua para preservar-se (pulsão do eu). A oposição de tais pulsões e o atraso das pulsões sexuais em relação à realidade são um dos pressupostos para o desenvolvimento da neurose.

Mas é quando Freud se depara com um caso de psicose por meio do livro biográfico *Memórias de um Doente dos Nervos* (1903), que sua metapsicologia começa a sofrer mudanças em relação ao aparelho psíquico, à concepção e dinâmicas da pulsão, e principalmente, à constituição do eu. Utilizando-se mais uma vez do mito, da história de Narciso, concebe uma nova apresentação ao conceito de narcisismo, o amor pela imagem de si mesmo, que noutro momento, em *Leonardo Da Vinci e Uma Lembrança da Sua Infância* (1910/1997), fora abordado em relação às escolhas de objeto por parte dos homossexuais, passa a ser entendido como um investimento libidinal no próprio eu, e assim, primordial para se entender a constituição deste.

Desta maneira, Freud se referiu ao narcisismo primário e narcisismo secundário, fundamental para entender como na passagem pelo Complexo de Édipo a pessoa estabelece sua forma de escolha do objeto de seu amor. O narcisismo primário “designa um estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma”. (Laplanche & Pontalis, 2004, p. 290). Paralelo à fase oral, tem como base a auto-erotização, todo investimento da relação simbiótica mãe-bebê é dirigido para a busca de satisfação.

O narcisismo secundário “designa um retorno ao eu da libido retirada dos seus investimentos objetais” (Laplanche e Pontalis, 2004, p. 290). Após a diferenciação eu – outro somos capazes de investir energia em outros objetos que não o próprio eu, porém, de forma

indireta, visamos o retorno deste investimento ao próprio eu novamente. Isto passa a caracterizar na teoria psicanalítica duas formas de escolher e investir nossa libido no objeto externo.

A partir de como lidamos com o nosso desenvolvimento nas fases pré-genitais passamos a escolher nossos objetos de amor de forma narcísica ou de apoio. Na primeira, o indivíduo ama a si mesmo por meio do desejo do outro por ele. Na segunda, ama-se o outro da forma como no passado a pessoa foi amada nas suas relações parentais. Ambas são ideais, e suscetíveis de se alternarem ou se combinarem em cada caso individual. Nas palavras de Ferreira (2004):

Aqueles que renunciaram a uma parte do seu narcisismo se lançam à procura do amor, transferindo o seu próprio narcisismo para o objeto amado. Em ambas escolhas, o que está em jogo é o amor como sentimento de paixão, que tem como características a supervalorização do objeto ou de si mesmo. Freud nomeia essa supervalorização de estigma narcisista. (Ferreira, 2004, p. 21).

O Complexo de Édipo permite nestas circunstâncias utilizarmos mais uma vez o mito de *Eros e Psiqué*, para exemplificar, ilustrar, a escolha do objeto de amor. Percebemos que no mito, Psiqué é tão bela, ou mais bela, que a própria deusa da beleza e do amor, Afrodite. Esta nascida a partir da castração de Urano cujo sêmen cai sobre o mar e das espumas do oceano nasce a deusa. Enquanto Psiqué é concebida pelos homens não como mortal mais como uma nova deusa de beleza irradiante, mas que nasce da Terra fecundada pelo orvalho.

Eros, o filho da deusa da beleza, ao se apaixonar por Psiqué talvez nem tivesse consciência o quão esta era semelhante a sua mãe, pelo menos no que diz respeito ao atributo da beleza, que é apenas um exemplo. Podemos observar que o mito é uma grande alusão à vida humana, que nas mais diversas histórias de amor que envolve a humanidade. Escolhas como estas são feitas a todo o momento. Não é de se admirar o quanto também esta

semelhança entre o primeiro e o segundo objeto de amor do filho/marido foi responsável pelos grandiosos conflitos engendrados por elas pelo amor deste e que até hoje alimenta o imaginário popular.

### **2.3 – Alma Marcada. O Amor na Clínica**

Desta maneira, conforme Freud, o inconsciente age de forma econômica, e por isso, temos a tendência de repetir nossas ações e diversos contextos. Mesmo em situações distintas, falamos das mesmas coisas. Essa repetição será observada por Freud no contexto da análise quando se depara com o fenômeno da transferência que em seu texto *Observações sobre o amor transferencial* (1915/1997) não hesita em denominá-la como amor a partir de impulsos sexuais recalçados que produzem esse efeito de apaixonamento. Freud passa a se utilizar em sua clínica dessa forma de amor que é o que o analisando tem por seu analista, forma esta, que nada mais é que a maneira que aprendemos a nos relacionar a partir de nossas experiências parentais desde a tenra infância.

Assim a transferência pode ser definida “como a reedição de fantasias que se dirigem ao analista, na medida em que ele passa a ocupar o lugar de outras pessoas.” (Ferreira, 2004, p. 33). A análise deve exatamente se utilizar dessa transferência para obter sucesso. A escuta do analista, diferenciada (escuta flutuante), deve perceber em que lugar o analisando está colocando o analista (paterno, materno e/ou fraterno), pois as palavras do paciente nunca estão voltadas para a pessoa do analista.

Mas a transferência é um fenômeno ambíguo, pois tal amor pelo analista pode ser também uma forma de resistência à análise por parte do paciente, ao se falar do analista, não se fala dele (analisando). O que caracteriza a transferência com a mesma estrutura da paixão, porém, com uma característica a mais que o analista tem um saber a mais sobre o paciente, que por sua vez, traz a tona o caráter ambivalente desse amor, no excesso o amor e o ódio oscilam como um pêndulo.

A transferência tornou-se o grande mote do trabalho psicanalítico. Como numa carta endereçada a Jung, Freud sublinha “a psicanálise é, em essência, uma cura pelo amor.” (Bettelheim, 1982). Ao paciente perceber (*insights*) por meio de sua fala as suas repetições ele abre possibilidades para a elaboração – a ressignificação de sua própria história – o analista, que outrora era o grande sujeito de suposto saber, torna-se apenas mais um.

Podemos dizer que ao paciente se deparar com cisão entre o que é de ordem sexual, do desejo, e as exigências da realidade, que tanto favorecem para o aparecimento do funcionamento neurótico, podem criar novas saídas, não mais presas as antigas repetições (plasticidade pulsional).

A partir de uma breve síntese de seu trabalho com a psicanálise Freud em seu artigo *Além do Princípio do Prazer* (1920/1997) unificou os conceitos de pulsão sexual e do eu (autoconservação) como pulsão de vida ou Eros, e também, discorreu sobre o dualismo com a pulsão de morte ou Tânatos.

Tânatos na mitologia grega é a personificação da morte, assim como seu oposto Eros, também é um deus alado. É filho de Nix, a noite, com Ébero, a noite eterna do Hades. Ambivalente, surge no cenário da morte trazendo-a docemente para o agonizante como um ato de amor (fechar os olhos, e estender os membros). É a bruma que desce sobre a face do moribundo, o véu negro que interpõe o homem à luz.

Irmão gêmeo de Hipno, o Sono, ambos habitam os campos Elíseos. Vemos aqui a proximidade do ato de dormir com a morte. Assim como Hades, e muitas vezes por este deixado à sua sombra, Tânatos não é agente da morte é apenas sua personificação, apresenta a descontinuidade da vida, por isso, assim também como Hades, nunca foram cultuados. Era responsável por introduzir as almas nos mundos desconhecidos das trevas ou às luzes do paraíso. (Brandão, 2000).

Assim, enquanto a pulsão de Eros é aquela que nos impulsiona à vida, à ligação, à satisfação. Tânatos almeja a destruição de Eros, busca cessar essa intensa motivação na realização da satisfação (da vida). Apesar de parecerem opostas, na verdade é um enlace, como citou Brandão (2000, p. 399): “A morte e o amor são dois aspectos de um mesmo poder.” Pois o caminho da vida é ao mesmo tempo o caminho para a morte.

No mito de *Eros e Psiqué*, a Alma por cinco momentos, frente as suas dificuldades tenta trair as aspirações do Amor entregando-se à Morte. Há um desejo da Alma de voltar à plenitude, e que na verdade só é possível com o retorno ao estado inorgânico, o retorno a mãe terra. Contemplamos, nessa odisséia, a incessante busca da Alma pelo Amor, vemos o quanto ela é frágil e facilmente suscetível em cair nos braços de Tânatos. Desta forma, o que segundo Bettelheim (1982), Freud considerou a Alma humana como algo que deve ser cuidado com muito zelo. O trabalho dedicado a ela deve ser feito com muito esmero. Somente alguém que conhece a própria alma e suas vicissitudes pode cuidar da alma de outrem.

Neste sentido Freud, que concebeu a alma e seu desenvolvimento por meio do estudo da neurose, também viu a necessidade de dar uma explicação filogenética para o funcionamento humano, uma forma então de compreendê-lo mais globalmente e que assim, também pôde apontar para o surgimento da cultura. É em *Neuroses de Transferência: Uma Síntese* (1928/1987), que sua tentativa de dar outra explicação para a origem das neuroses tanto de transferência (histórica e obsessiva) como narcísica (psicose: esquizofrenia, paranóia e melancolia), ou seja, dos possíveis modos de funcionamento humano, se faz. Semelhante ao que fez em *Totem e Tabu* (1914/1997) cria uma nova alegoria, hipótese esta, historicamente anterior à última. Ei-la:

Antes da Era Glacial, o homem tinha uma vida plena, onde todas as suas pulsões eram realizadas, semelhante ao que vivenciamos enquanto regidos pelo princípio de prazer, mas com a “era glacial a humanidade em geral tornou-se angustiada” (Freud, 1928/1987, p. 75).

Frente aos riscos eminentes devido os difíceis tempos glaciais passaram a se organizar em hordas isoladas sob um domínio patriarcal forte, e passada pela grande lição da interdição do assassinato deste pai, a instituição do totem e do tabu, como garantia de sobrevivência, a humanidade teve que conter sua libido e direcioná-la primeiramente ao eu e depois para objetos outros, por exemplo, o viver livremente substituído pela constituição familiar que gerou as bases do modelo de cuidados parentais e de amor atuais e que também proporcionou o surgimento da inteligência e, assim, a cultura.

[...] como a primeira luta leva para a fase cultura patriarcal, a segunda leva à social. Ambas, contudo, produzem as fixações, as quais, em seu retorno, após milênios, transformaram-se nas disposições dos dois grupos de neurose. Portanto, neste sentido, a neurose é também uma aquisição cultural. (Freud, 1928/1987 p. 80).

Como podemos observar esse cerceamento libidinal, assim como, trouxe benefícios também faz a humanidade pagar um alto preço. É deste ônus que Freud abordou quando escreveu da relação dialética entre Tânatos e Eros. Tânatos que procura silenciosamente eliminar a presença de Eros e possuir a Alma por meio de suas fraquezas e Eros para conter o enlace destrutivo e vazio da pulsão de morte usa de seu grande poder unificador para transcender os limites da Alma. Apesar de que sempre haverá a possibilidade da alma se entregar ao domínio de Tânatos (contra a cultura e a favor da destruição da vida), Eros encontra uma nova forma de trazer satisfação e felicidade à alma.

#### **2.4 – Quando o Amor Transcende a Alma**

Em *O Mal-Estar na Civilização* (1930/1997), Freud discorreu sobre a necessidade de se distinguir o amor como paixão imaginária do amor que se constitui como dom ativo, como por exemplo, o amor divino, da Paixão de Cristo e o amor voltado ao próximo. Em relação ao mito de *Eros e Psiqué*, aqui podemos inferir uma grande evolução do Amor, antes entregue

aos desígnios de sua vaidosa mãe Afrodite, era um ser infantil, imaturo e irresponsável. Depois, sob os encantos e enamorado pela jovem Psiqué, torna-se maduro, sublime e incondicional. O amor não como idealização, mas como sublimação. Lacan que se debruçou mais sobre este aspecto da concepção do amor, na relação de antítese sujeito - objeto (amado - amante), acrescentou um terceiro elemento que está para além do objeto de amor: o nada.

Como no amor de transferência o mais comum é repetirmos em nossas relações o amor que aprendemos em nossas relações parentais e que obedecem às escolhas de objeto de acordo com as fantasias infantis do menos ou mais amado, narcísica e de apoio, respectivamente. É o amor por apaixonamento que visa aprisionamento do outro. Acredita que seu bem está no outro. É característica de um amor e, do objeto amado, de forma idealizada.

Logo, a única particularidade do outro, colocado no lugar de objeto amado, é satisfazer o pedido do sujeito para ser amado. Mas o apaixonado quer ser amado por tudo. Suas súplicas não têm limite. Suas dores também não. No século em que a paixão é um dos temas preferidos pelos poetas românticos, amar abre as portas do inferno e se transforma em sofrer. (Ferreira, 2004, p. 39)

No amor como dom ativo, sublimado, o outro não é apenas um objeto como na paixão, mas um ser. Intermediado pela palavra, o amor aceita o amado mesmo nos seus defeitos e nas suas fraquezas. Porém, este ser para o qual o amor se dirige é uma fantasia, quando esta se desfaz, numa situação como traição do ser amado, o amor acaba. Pois amava aquilo que lhe faltava.

O amor que não visa a satisfação como na paixão diz daquele que ama além do objeto amado. A troca é o nada por nada. Lacan denominou esta forma de “o milagre do amor” baseado em sua teoria da dialética do desejo. Quando o amado passa para a qualidade de amante e vice-versa. Freud de maneira econômica identificava a passividade como elemento

do feminino e a atividade como do masculino. Na dialética do desejo há uma inversão de tais funções: o amante é o desejante enquanto o amado não precisa fazer nada.

Um exemplo do “milagre do amor” é apontado por Ferreira (2004) na relação entre Pátroclo e Aquiles, o primeiro morto em combate por Heitor na guerra de Tróia faz com que Aquiles passe da posição masculina de amado para a feminina de amante. Mesmo sabendo da possibilidade de ser morto, como predito pelo oráculo, vinga a morte de Pátroclo matando Heitor. O que estabelece a metáfora em que o amado se transforma em amante e o desejado em desejante. “E o que fez Aquiles senão escolher a morte, sacrificando seu ser para se vingar do ser que ele acreditava existir em Pátroclo, já morto? O que se trocou aqui senão nada por nada?” (Ferreira, 2004, p. 44).

Ferreira (2004) relatou que Lacan também aponta para o amor cortês, típico das poesias do medievo, como outra forma sublimada de amar, nas quais o poeta se colocava num intenso sofrimento de amante em relação à indiferença da amada. Por diversas questões como, por exemplo, diferenças sociais, o amante não poderia cortejar a Dama, ou seja, sempre se tratando de um amor proibido.

O amante, então, se coloca a serviço da amada, mas não busca conquistá-la e sim travar uma batalha sobre a qual já perdeu, mas que não pode dela desistir. Assim, é pela privação que existe o amor cortês, pela inibição da sexualidade. Pelo regime da frustração, do sofrimento. Não se renuncia o amor, mas o objeto amado. A Dama como uma jóia tem o valor de dom, símbolo do amor, mas que está interdito.

Podemos ilustrar o amor cortês pelos célebres e belos versos do poeta Luís Vaz de Camões (1595):

Amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,

é dor que desatina sem doer.  
É um não querer mais que bem querer;  
é um andar solitário entre a gente;  
é nunca contentar-se de contente;  
é um cuidar que ganha em se perder.  
É querer estar preso por vontade;  
é servir a quem vence, o vencedor;  
é ter com quem nos mata, lealdade.  
Mas como causar pode seu favor  
nos corações humanos amizade,  
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

É da falta que o amante se torna desejanste e a amada ao não corresponder a esse amor abre a desarmonia entre a relação amante-amado demonstrando que o que falta ao amante não é o que o amado tem. Por isso o amor cortês para Lacan é expressão do amor verdadeiro, pois amar é dar o que não se tem.

Por fim, outro exemplo é o amor trágico como o que é vivido por Antígona, o mito que dá origem ao do Édipo Rei. Antígona é filha de Édipo, depois de sua morte em Colono, ela retorna para Tebas. Os dois irmãos de Antígona (Polince e Etéocles) na briga pelo poder de Tebas morrem e Creonte, irmão de Jocasta assume o trono, determinando que não enterrassem Polinice por trair Tebas com a ajuda de um exército de Argos no litígio pelo trono, e dando a Etéocles um enterro suntuoso.

Antígona se posiciona a favor do perdão para o irmão Polinice para que este não ficasse com a imagem ligada à vilania. “Em vez de ódio, o amor. E amar implica em perdoar. Mas aqui o amor, em vez de assegurar a vida, conduz a morte.” (Ferreira, 2004, p. 52). A

marca do seu desejo é a falta do objeto. Que traduz seu desejo como puro. Um desejo sem conteúdo, sem fantasia.

[...] se não há ninguém para assumir o crime, Antígona aos se colocar como guardiã do criminoso, assume não só o crime de seu irmão (traição), mas de toda a sua família (incesto e parricídio). A intransigência é o traço que une o desacordo entre Creonte e Antígona: perdoar ou não perdoar o crime eis a questão! [...] Amar então torna-se a proeza de um ato que anuncia a morte do amante que perdeu para sempre o ser amado. (Ferreira, 2004, p. 54 e 55).

Estes três exemplos demonstram que na sublimação ama-se o próprio amor e não o objeto (paixão). Lembramos mais uma vez que no mito, quando Psiqué revela à luz do candeeiro que seu esposo é Eros e, ao mexer em suas armas fura-se com uma de suas flechas, é o momento em que a Alma é tomada de amor pelo Amor (Apuléio, n.d.).



*The Abduction of Psyche* (Bouguereau, 1895)

“Quando eu era menino, falava como menino,  
Sentia como menino, discorria como menino,  
Mas, logo que cheguei a ser homem,  
Acabei com as coisas de menino.”

Apóstolo Paulo <sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Ao discorrer sobre o amor em carta aos Coríntios (I Coríntios, capítulo 13, verso 11).

### Capítulo 3

#### **EROS, PSIQUÉ E A PSICOLOGIA ANALÍTICA**

A explicação filogenética que Freud criou para a concepção da cultura humana, a origem do amor parental, e por sua vez, do funcionamento humano, seja das neuroses de transferência ou narcísicas, se aproxima do que Jung desenvolvera quando apresentou o conceito de arquétipo. Da mesma maneira, a unificação da pulsão realizada por Freud já no final de sua obra e a dicotomia entre Eros e Tânatos se aproxima da concepção junguiana de libido, das leis dos opostos e das compensações também desenvolvidas por ele.

Importante frisar que mesmo com a unificação da pulsão realizada por Freud, esta nunca deixou de ter como origem a base sexual, e que Jung conceituou como energia psíquica em geral, que pode assumir formas diversas e transmitir-se a qualquer área de atividade como ao poder, à fome, ao ódio, à religião, tal como à sexual tão considerada por Freud. Também é o motor de total manifestação natural e cultural humana. É o desejo, a tendência para, toda a intencionalidade e vontade, é a energia que alimenta todo o funcionamento do aparelho psíquico. Mas em ambas as teorias a libido é a força motriz do humano, porém, foi exatamente a distinção quanto à forma de concebê-la que gerou a grande cisão entre os dois pensadores do inconsciente em 1912.

#### **3.1 As Imagens que Transcendem a Alma**

Para Jung o mito também tem grande importância, pois por meio dele podemos estudar os motivos recorrentes presentes em nossa cultura ocidental como também em outras por meio do seu método comparativo como as questões relacionadas com a vida, a morte, o incesto, a salvação, a criação, entre muitos outros. O mito tem vida própria, revela sobre o fazer humano. É composto por imagens que ele definiu como primordiais, os chamados arquétipos e como estes podem trabalhar, funcionar, dentro de nós.

Quando abordamos o mito de *Eros e Psiqué* por meio do pensamento junguiano, estamos falando do desenvolvimento da alma tanto do feminino, quanto do masculino. Que

assim como o mito, a relação evolui de acordo com a vivência da pessoa e esta tende a deixar de amar de uma forma imatura, típica do funcionamento infantil, para uma forma mais sublime.

O mito é uma das explicações que nos são ofertadas para explicar como essas imagens são ativadas dentro de nós. O mito é a metáfora do arquétipo, é inerente à estrutura da psique e que o homem reencena (Jung, 1934/1995), principalmente, se um mito constela em um complexo, o indivíduo influenciado por ele pode ser possuído de forma compulsiva e manifesta caráter patológico ou pode dele se libertar, neste caso, com a ajuda dos deuses, o consciente amplia o seu campo de visão, integrando o complexo à personalidade. Toda vez que um mito constela traz elementos reagentes para a alma humana.

Mas Jung preferiu à alquimia para sustentar sua teoria. Com manuseio dos sagrados metais o alquimista buscava a pedra filosofal, um fim pleno para o *opus*, a vida eterna, a permutação de qualquer metal em ouro, mas ao realizar tal obra, era dentro do alquimista que as transformações ocorriam, era a alma que se transmutava de vil metal para puro ouro.

Através do rito, o homem se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as forças e energias que jorraram nas origens. A ação ritual realiza no imediato uma transcendência vivida. [...] O rito é a práxis do mito. É o mito em ação. O mito rememora, o rito comemora. (Brandão, 2007, p. 39)

Como relatamos os mitos, ricos em símbolos arquetípicos, culturalmente hereditários, possibilitam a ligação do consciente ao inconsciente coletivo. E assim, também podem ser o meio de entendermos como se dá a transformação. É o que propõe o mito de *Eros e Psiqué* quando o observamos do ponto de vista arquetípico, o contato da Alma com o Amor e de como este contato traz mudança a ambos.

Desta maneira, podemos afirmar a relação dicotômica entre o individual e o social. A forma com a qual o individual lida com suas imagens internas e, que são ativadas pelo social,

(primeiramente na relação parental e depois pela vivência no mundo), define o fazer cultural do homem. O que torna a cultura e o social fundamental na obra de Jung quanto o desenvolvimento individual (Jung, 1935/1991).

A alma na teoria junguiana é entendida em quatro aspectos: primeiro como sinônimo de psique. Segundo, como a personificação da mente, mas mente como aspectos cognitivos, responsável pelas funções cognitivas e com a finalidade de estudo. Terceiro como a forma que a pessoa se porta em relação a seu mundo interior, a atitude que o consciente toma em relação ao inconsciente e o quarto aspecto, como uma unidade de um complexo funcional denominada função anímica de quando o mundo interno inconsciente se põe a consciência na forma complementar, por exemplo, como *Persona*. (Pieri, 2002)

Destes, o primeiro aspecto nos chama mais atenção, pois ele é o mais abrangente de todos os que foram citados. Psique, na psicologia analítica, é marcadamente uma atividade funcional cuja dinâmica dialética é constituída, como também constitui, os pares de opostos e bipolares: consciente-inconsciente, Eu-Sombra, *Persona-Anima/Animus*, Eu-*Self*, entre outros, ativados pela libido, funcionam como órgãos psíquicos e se relacionam por meio de signos, símbolos, complexos e outros arquétipos e, que por sua vez, corroboram para a individuação, ou seja, psique corresponde à totalidade do ser vivente.

Quanto a Eros, este também se difere da forma em que é abordado em Freud pela relação Eros-Logos na teoria junguiana. Logos como o responsável pela diferenciação do consciente, a razão, o cognitivo e Eros pela qualidade de ligação, o afetivo. Um constituinte do complexo paterno e o outro do materno, respectivamente. Este voltado à forma feminina de funcionamento inconsciente enquanto logos para o modo masculino, intelectual e espiritual, dá forma cognitiva ao mundo dos objetos externos e internos. (Pieri, 2002)

A relação Eros-Logos que traz à psique a luz da transformação, o que Jung denominou de função transcendente, a união de conteúdos conscientes e inconscientes, do diálogo entre

os opostos. Mas isso não quer dizer meramente que o inconsciente torna-se consciente, ao contrário, ao lançar luz sobre determinado aspecto inconsciente, novas articulações, rearranjos, entre as imagens ali presentes se fazem. Nas palavras de Jung "até onde podemos discernir, o único propósito da existência humana é acender uma luz na escuridão do mero ser". (Jung, 1961/2006)

Jung por meio do trabalho com a psicose juntamente com Bleuler percebeu que seus pacientes traziam nos delírios e alucinações, um conhecimento, imagens, que não apenas representam a história do sujeito, mas de toda a humanidade. Esta percepção trouxe para ele, como citamos, o conceito de arquétipo, uma imagem primordial de idéias inatas (Brandão, 2007), assim como temos um herança genética que determina o biológico do humano, também em essência, nascemos com uma herança cultural impregnada em nossa alma. Essa herança é composta por imagens primordiais (arquétipos) que ganham força conforme atuamos na vida.

Em *O Código do Ser*, James Hillman (1997), explica o arquétipo usando a metáfora do carvalho. Neste livro ele exemplifica que dentro da semente do carvalho estão todas as atribuições necessárias para que a semente germine e se torne exatamente um carvalho e não qualquer outra planta, ela traz dentro de si o destino de ser um carvalho. Por mais tortos ou retos que venham a se tornar seus galhos, mais claras ou escuras venham a ser suas folhas seja pela influência do solo ou da mudança das estações, por mais diferente que seja dos demais de sua espécie, ele será sempre um carvalho. Assim, temos o destino de sermos humanos, que tipo de humanos seremos, depende de nossa vivência, ou seja, depende das imagens arquetípicas que serão ativadas na nossa relação, interação com o mundo, com o outro e à cultura a qual pertencemos.

O passado para Jung não é mais importante a não ser que se torne presente no discurso da pessoa, o que demonstra o caráter finalista de seu pensamento. A tendência de todo o

humano é chegar à individuação, à plenitude do ser. Somente o social pode impedir que um indivíduo não chegue ao seu destino.

O sofrimento não é visto apenas como um sintoma ou algo puramente como um funcionamento indesejado, mas como formador do que a pessoa realmente é e deve se tornar. Ao chegar a determinado período de nossa vida e olharmos para trás, podemos contemplar que determinadas experiências tanto agradáveis como desagradáveis corroboraram para nos tornarmos exatamente quem somos no exato momento que paramos para contemplar a vida que experienciamos até então.

No mito de *Eros e Psiqué* podemos observar que Alma no seu primeiro contato com Amor é inconsciente, dada às suas próprias paixões conforme seu contato com os complexos parentais. No momento em que Psiqué ilumina o rosto do amado e percebe que ele é o Amor e toma-se de amor por ele, há uma grande mudança. Ela passa a amá-lo conscientemente (Neumann, 1997).

Assim como, tal mudança também pode ser vista em Eros e de sua postura divina, ao se encontrar com a Psiqué é tomado de si próprio por ela, mas quando este é desvelado por Psiqué a união entre o inconsciente e consciente eleva Eros para uma condição humanizada, como também, torna a alma deificada. Em Eros o seu contato com a Alma permitiu que este deixasse sua caracterização de *puer aeternus*, de deixar também a casa da Grande Mãe (Afrodite), representada pelo inconsciente, do complexo materno, interno e passasse a agir no meio externo elevando a alma (Boechat *et al.*, 1997).

### **3.2 – Translação: O Encontro de Duas Almas**

A proposta da psicologia analítica é por meio do contato analisando e analista, proporcionar o desenvolvimento da alma. Este como na psicanálise se dá por meio da relação transferencial, porém, denominada de translação, a forma de encará-la também é diferente.

A comunicação verbal e não-verbal entre ambos ocorre em vários níveis: entre os egos do cliente e do terapeuta, entre seus inconscientes, entre o inconsciente do cliente e o eu do terapeuta e vice-versa. Assim, ambos podem mais que falar e escutar um ao outro – podem também captar e compartilhar sentimentos. Essas quatro possibilidades de interação são comuns em todos os tipos de relacionamento humano. O que diferencia uma sessão de psicoterapia no consultório das outras relações pessoais é o fato do cliente e terapeuta terem concordado em colocar uma lente de aumento ou um amplificador no material que ali surge, com o intuito de ajudar o cliente. (Grinberg, 1997 p. 178).

Podemos observar de forma clara como se dá esta relação por meio do esquema construído a seguir.

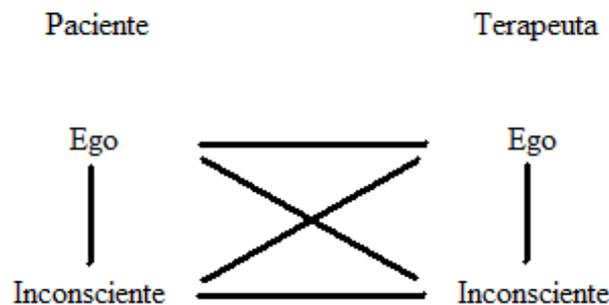


Figura 1. A dinâmica da transferência na Psicologia Analítica

Para Jung, a translação é um dos modos possíveis para a projeção de conteúdos psíquicos dentro da relação emotiva-afetiva entre paciente e analista. Conteúdos estes, de natureza arquetípica ou por complexo e que se dá na interação entre os dois indivíduos, remete a um elemento inconsciente ativado que procura expressão. Desta forma, não tem natureza necessariamente sexual. “Minha experiência não confirmou que se trate sempre desse plano, ou de projeção de conteúdos infantis. Pelo que vi qualquer coisa é possível de ser projetada, e a translação erótica é apenas uma das muitas possibilidades” (Jung, 1935b/1991, pp. 324.).

O que contribui para Jung desenvolver esta afirmativa é sua posição frente ao tabu do incesto desenvolvida por Freud. Em muitas culturas o incesto não é um tabu e, pelo contrário, a realização do mesmo como rito de passagem permite que o neófito torna-se responsável de sua própria individualidade. O incesto também na alquimia abre fundamentação para o *hieros gamos* o casamento sagrado cuja unidade é o ápice do *opus alquímico*.

A dificuldade do terapeuta é lidar com as translações arquetípicas, Jung fala, por exemplo, da projeção do salvador ao analista. Este deve devolver tal valor ao paciente a análise não termina enquanto o paciente não integrar todas as projeções à sua própria personalidade.

A intensidade do relacionamento de transferência é sempre equivalente à importância de seus conteúdos para o sujeito. Se houver um caso que ela seja particularmente aguda, podemos ter certeza que os elementos da projeção, uma vez extraídos e tornados conscientes, provarão ser tão importantes para o para o paciente quanto o era a própria transferência. Quando a translação entra em declínio, isso não quer dizer que simplesmente tenha se evaporado. Sua intensidade, ou uma soma correspondente de energia, surgirá em outro lugar, como, por exemplo, em outro relacionamento ou em alguma outra forma psicológica importante. Sua intensidade é uma emoção que pertence totalmente ao paciente. Quando a translação se resolve, toda aquela energia projetada recai sobre o sujeito, que então fica de posse de um tesouro que antes, durante a transferência, estava sendo desperdiçado. (Jung, 1935b/1991, pp. 327)

Guggenbühl-Craig (1978), também fala da necessidade do psicoterapeuta desenvolver em suas relações o Eros como forma de não cair na armadilha do lugar de saber e até mesmo se livrar dela para aqueles que se deixaram seduzir por essa visão distorcida do processo terapêutico.

Assim, não podemos deixar de apontar aqui para a contratransferência que é muito importante, pois ela fala sobre o encontro dos dois inconscientes: do paciente e do analista. A influência ocorre em mão dupla e não há como dela esquivar-se. Se bem conduzida à dinâmica da relação gera transformações nas duas almas envolvidas, o que geralmente acontece é que a personalidade mais estável e mais forte seja menos influenciada, o que não impede que a personalidade de muitos profissionais seja assimilada pela dos seus pacientes (Jung, 1935b/1991)

Dessa maneira, Jung foi um dos que defendiam que o analista deveria se dedicar a própria análise objetivando o seu crescimento, “[...] a arte da psicoterapia exige, portanto, que o terapeuta possua uma convicção recomendável, defensável e de grande credibilidade, com provas de eficácia, inclusive pelo fato de ter resolvido ou evitado dissociações neuróticas em si mesmo.” (Jung, 1935/1991, p. 87)

Em *AB-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência* (1946/1987) Jung ilustra a transferência por meio do *opus* na alquimia. O caminho que a alma do paciente em relação com a do analista passa a integrar complexos e arquétipos inconscientes e ganha autonomia consciente. Desde o início, na entrega que Psiqué faz em busca do seu destino, quando a jovem e bela alma caminha para o deserto de rochedos e logo depois de contemplar a face de seu amado Eros, a odisséia que perfaz para retornar aos seus braços, demonstra um forte exemplo no sentido do processo de individuação. Mas o crescimento não está livre do sofrimento, como também observamos neste mito. Muitas vezes quando alguém procura a análise é porque se defronta com algum tipo de crise e não porque busca o autoconhecimento e/ou crescimento individual.

Esse grandioso objetivo é atribuído na alquimia ao processo de *coniunctio* última instância de transformação. E que no processo terapêutico deve ocorrer entre as almas do analisando e do analista, este último, como psicopompo, a ligação, entre o eu do paciente e

seus deuses inconscientes. No mito de *Eros e Psiqué* podemos observar a evolução da Alma mortal para imortalidade no seu casamento final com o Amor. Alcançado sua individuação, ou o clímax de tornar-se si mesma.

### **3.3 – Do Nascimento ao Retorno da Alma.**

A crise nos apresenta duas faces: sinaliza perigo devido à negligência, por parte do complexo do eu, às demandas das imagens arquetípicas e dos complexos inconscientes. E ao mesmo tempo, abre espaço para a possibilidade de mudança. Se não vivemos com a alma, o corpo traduz esta negligência. E na dor não há como evitá-la algo tem que ser feito.

Muitos vêem o adoecer como um mal e tentam se livrar dele, mas Jung propôs que olhássemos com atenção para o significado do que pode estar implícito no sintoma, é necessário que as imagens psíquicas, que se apresentam através dele, sejam levadas em consideração.

O caráter finalista da psicologia de Jung nos leva à individuação, que em síntese leva a uma diferenciação dos padrões coletivos externos e internos, impelindo a sermos quem realmente somos. (Silveira, 2001) É a transformação pessoal, esse processo exige que haja relação entre eu e *Self*, na qual o *Self* move e o eu é o movido. Entretanto, há perigos comuns, como a inflação e a rigidez do eu, que cheio de certezas assume uma postura unilateral não torna possível a função transcendente, seja por medo, insegurança ou ignorância em relação às imagens inconscientes. E, é a saída do caminho da individuação que leva ao adoecer seja psíquica (neurose) ou fisicamente (somatização). “Um complexo só se torna patológico quando achamos que não o temos.” (Jung, 1935/1991, p. 67).

Assim, é a rigidez do eu frente à necessidade de diferenciação do encontro com o *Self* que é prejudicial, que impede a necessidade de manifestação das imagens inconscientes não lhes permitindo a assimilação por parte do consciente. Como consequência deste entrave surge manifestações perturbadoras ao consciente e o indivíduo pela qualidade da relação que

dispôs, inconscientemente passa a projetar nos objetos externos imagens que lhe pertence. Tal limitação de percepção do eu gera projeções que, por sua vez, favorecem condições perigosas que despertam os deuses em seu lado patológico.

Por meio do conceito de individuação conseguimos inferir sobre o processo de desenvolvimento da alma na psicologia analítica. Pois como já nos referimos, este é fim para o qual o homem se dirige. Quando nascemos o eu está potencialmente dentro do *Self*, este é a prefiguração inconsciente do eu e age sobre ele de forma objetiva independente da vontade. Somente devido ao *Self* que o consciente pode existir. O eu vivencia o *Self* como outro e como seu subordinado é desta forma, que o consciente é formado. O que é diferente funciona como ponto de reflexão, assim, para adquirir autonomia do eu precisa se separar da totalidade (consciente-inconsciente) na relação eu-outro. Este primeiro momento é como uma fusão ou identidade entre o eu e seus objetos. É o estado original das coisas não há distinções e nem diferenças.

Vários mitos relacionados à criação trazem o princípio desta diferenciação do estado primordial. Sem diferenciação é impossível exercemos nossas funções de maneira direcionada, o que serve como base para entendermos o funcionamento psicótico na teoria junguiana.

Quando o eixo *Self*-eu vai se desenvolvendo, o eu tende a se tornar independente do *Self* e passa a funcionar como o intermediador entre a realidade objetiva e subjetiva. O eu que operacionaliza as funções psicológicas e os símbolos que habitam o eixo ente ele o *Self*. Se durante o desenvolvimento do eixo houver algum dano, pode ser que o indivíduo tenha problemas como baixa auto-estima ou de não aceitação de si mesmo, se for um dano maior, terá o sentimento de que não merece viver e que não pode afirmar-se.

O eixo é formado na primeira metade da vida quando chega ao clímax com a máxima diferenciação que é denominada como metanóia. A segunda metade visa o retorno ao *Self*,

que procura atingir um estado de sabedoria e onde o ciclo se completa com a morte. Como a trajetória do Sol, que surge no horizonte, chega ao zênite ao meio-dia e depois faz o seu retorno.

Jung atribuiu quatro fases: da infância a puberdade com o predomínio da vida instintiva; da puberdade a meia idade, que como adulto, firma sua autonomia quanto indivíduo e se integra à sociedade; a meia-idade quando se volta do mundo exterior para o interior; e a velhice que se dá a preparação para a morte. Os dois primeiros se referem ao processo de individualização com objetivo natural e o segundo ao da individuação de objetivo cultural, o caminho de retorno ao *Self*, à completude, à integridade do ser.

### **3.4 – O Reencontro: Fazer com Amor e Alma.**

Stein, ex-psicanalista e pós-junguiano, nos apresenta em seu livro *Incesto e Amor Humano – A Traição da Alma na Psicoterapia* (1999), uma postura crítica frente às duas teorias quanto à abordagem da alma. Principalmente à psicanálise americana (centrada no eu).

O sentido que nossa alma tem de se restaurar à própria unidade só é possível por meio do amor, é ele que gera a alma, mas também ele precisa da alma. Geralmente as feridas nascem pela falta do amor. Por isso da necessidade de amar nossa alma realmente como ela é e não querer buscar apenas explicações psicopatológicas para os nossos sofrimentos e feridas. É a busca do viver com alma. Mas para isso há a necessidade de uma nova visão de homem: que traga à tona sua existência cotidiana, mas dentro de seu contexto cultural.

As divergências entre os dois pensadores os deixaram cegos em alguns pontos. Jung ao valorizar a figura do incesto como representante simbólico da união suprema dos opostos não explorou como fez Freud o tabu que este tem sobre nossa cultura efetivamente. Valorizando a imaginação e o mundo interno para o caminho de desenvolvimento pleno.

Enquanto Freud, ao ser atraído pela parte mais objetiva valorizou de forma intensa o corpo por meio da sexualidade e para a relação parental. Nos termos junguianos, uma obra

voltada para o caráter introvertido do saber humano e a outro extrovertido, um valorizando a vontade, o espírito e outro a alma, o desejo, respectivamente. Podemos timidamente afirmar que enquanto o primeiro seguia o caminho da Alma o segundo perscrutava as vias do Amor.

A ferida do incesto como é nomeado o complexo de Édipo em Stein (1999), abre uma ferida na alma humana em relação ao desejo e a realidade, o afeto e a razão. Isto promove as mais diversas incongruências nas ações humanas, sem objetivo, sem um fim. A proposta de Stein (1999), é que o contato do espírito com a alma se dê pela via do amor na relação terapêutica, eis o reencontro.

Assim, a transferência e a contratransferência, sejam a nível complexal (parental, sexual e infantil), sejam no nível arquetípico (o lugar de saber, de admiração, o salvador, velho sábio ou bruxo), não devem ser apenas interpretadas ao longo do processo terapêutico, mas encaradas como forma de desenvolvimento. Por via delas é possível voltar à ferida do incesto e integrar o homem no qual tais funções estão dissociadas, integrando o inconsciente ao consciente como almeja o processo de individuação:

O desenvolvimento psicológico criativo, a individuação, depende da liberdade espiritual. Quando dizemos que o homem tem espírito livre, queremos dizer que ele transgredir livre ou necessariamente os hábitos, os costumes e os tabus da sua cultura? Acho que não. Mas significa a liberdade de fazer qualquer coisa ou ir a qualquer lugar que deseje na esfera da imaginação... Sabe que pode deslocar com dignidade não-desonrada entre os deuses e demônios do mundo imaginário sem medo de transgredir os tabus que pertencem ao mundo mundano. (Stein, 1999, p. 198).

Ainda nas palavras de Stein (1999):

A capacidade de evocar o amor é a base do fluxo do amor entre as pessoas. Tivemos a tendência de enfatizar a capacidade de amar, de dar ativamente amor

ao outro como algo fundamental. Mas precisamos apenas observar a frequência com que o amor é rejeitado para vermos que há algo errado com essa premissa. Não será por que aquele que dá o amor é vivenciado como ameaçador para aquele que recebe? Ninguém pode despertar o amor se o outro se sente, de alguma maneira ameaçado.

A alma nua e exposta sempre evoca o amor. É por isso que é tão fácil amar as crianças e os animais – suas almas raramente estão ocultas. Se a alma de uma pessoa estiver sentida encoberta ou protegida da outra de alguma forma, o amor não pode ser evocado. *Dar amor sem que nossa alma não esteja exposta é sempre ameaçador para o outro.* Mas quando duas pessoas se encontram sem barreiras, o amor flui automaticamente em ambas as direções. Não é ato de vontade, e sim fluxo espontâneo. E isso não ocorre por causa do ato de dar ou receber amor, e sim como resultado de revelação mútua. (p. 271)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pudemos observar que o mito tem fundamental importância na Psicanálise assim como esta também é de fundamental importância para a perpetuação do mito nos tempos atuais, como propõe Azevedo (2004) e Brandão (2007). Observamos que não apenas *Eros e Psiqué*, mas também, sucintamente, outros personagens mitológicos como Édipo, Narciso e Medusa, corroboram a favor da construção do saber psicanalítico.

Mas é o mito de *Eros e Psiqué*, objeto deste nosso trabalho, conforme a teoria de Freud, que nos permite conceber a forma como a Alma (se) move – desenvolve: na relação com o Amor. Na infância, a partir da relação simbiótica mãe-bebê, que gera prazer e como este perpassa pelas zonas erógenas quanto libido. Na análise, por meio das repetições que apontam para as regressões infantis que o paciente faz na relação com o analista e na produção cultural.

Assim como, a influência da cultura na constituição da alma humana é importante na teoria junguiana, o mito de *Eros e Psiqué* aponta para a necessidade, em contexto terapêutico, do encontro da alma do analista com a do analisando que, por sua vez, influencia a ambos e visa o desenvolvimento pessoal final que é a individuação, o retorno do eu para o *Self*, que se dá depois da diferenciação entre ambos após o nascimento do indivíduo.

Nas duas teorias o estudo aprofundado dos mitos traz muitas revelações sobre o fazer humano, são muito esclarecedores, expressam bases constituintes do ser e da ação do homem desde os tempos primordiais de nossa cultura. O tema é inesgotável. O que torna nosso trabalho apenas uma pequena ilustração do que a partir do mito pode ser interpretado. Como exemplo, podemos comparar o trabalho de dois analistas em relação a um mesmo analisando, em momentos distintos, obviamente. A análise sempre será diferente.

Mas na busca pelas semelhanças entre Freud e Jung, ou melhor, em articular as duas obras, apresentamos Stein (1999), que expressa em seu livro a possibilidade de integrar a

teoria psicanalítica contemporânea da relação-objeto na teoria e prática junguiana. Mas a tentativa de articular a obra de Freud e Jung depois da grande cisão entre os dois pensadores ainda é modesta, mas acreditamos que é de grande importância para entendermos as contribuições que cada um teve sobre a obra do outro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Apuléo, L. (n.d.). *O Asno de Ouro*. Ediouro.
- Azevedo, A. V. (2004). *Mito e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Bettelheim, B. (1982), *Freud e a Alma Humana*. São Paulo: Cultrix.
- Boechat, W. et al. (1997). *Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo*. Petrópolis: Vozes.
- Brandão, J. S. (2000). Dicionário Mítico-Etimológico. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. v. II.
- Brandão, J. S. (2007). *Mitologia Grega*. 20ª ed. Petrópolis: Vozes. v. I.
- Brandão, J. S. (2008). *Mitologia Grega*. 17ª ed. Petrópolis: Vozes. v. II.
- Ferreira, N. P. (2004). *A Teoria do Amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freud, S. (1898/1997). A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. III. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1900/1997). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. V. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1905/1997). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. VII. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1910/1997). Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XI. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1914/1997). Totem e tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XIII. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1915/1997) Observações sobre o amor transferencial In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XII. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1918/1997). História de uma neurose infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XVII. Edição Eletrônica.

- \_\_\_\_\_. (1920/1997) Além do princípio de prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XVIII. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1922/1997). A cabeça de medusa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XVIII. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1923/1997). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. v. XIX. Edição Eletrônica.
- \_\_\_\_\_. (1928/1987). *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1930/1997). O mal-estar da civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XXI. Edição Eletrônica.
- Grinberg, L. P. (1997). *Jung: O Homem Criativo*. São Paulo: FTD.
- Guggenbühl-Craig, A. (1978). *O Abuso do Poder na Psicoterapia*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- Hillman, J. (1997). *O código do ser*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Jung, C. G (1934/1995). Considerações gerais sobre a teoria dos complexos. In: *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes. v. VIII.
- \_\_\_\_\_. (1935/1991). *A Prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes. v. XVI/1.
- \_\_\_\_\_. (1935b/1991). Fundamentos da Psicologia Analítica. In: *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes. v. XVIII/1.
- \_\_\_\_\_. (1946/1987). *AB-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência*. Petrópolis: Vozes. v. XVI/2.
- \_\_\_\_\_. (1961/2006). *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Laplanche, J. & Pontalis, J-B, (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Neumann, E. (1997). *Amor e Psiquê*. São Paulo: Cultrix.
- Pieri, P. F. (2002). *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes.

Silveira, N. (1994). *Jung – Vida e Obra*. 14<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Stein, R. (1999). *Incesto e Amor Humano – A Traição da Alma na Psicoterapia*. São Paulo: Paulus.